

**A MISSÃO SEGUNDO LESSLIE NEWBIGIN
UMA RESENHA DE O SEGREDO REVELADO**

The Mission according to Leslie Newbigin
A review of The Open Secret

RESENHA

NEWBIGIN, Lesslie. **O Segredo Revelado**. São Paulo: Vida Nova, 2019, 192 pp.

Gladson Cunha*
Bolsista CAPES/DS

O *Segredo Revelado*, de 1978, é a segunda obra recentemente traduzida para o português do missionário, teólogo e clérigo inglês Lesslie Newbigin (1909-1998). Isso porque, na década de 60, foram traduzidos e publicados ao menos três outros textos de Newbigin: *Pecado e Salvação* (*Sin and Salvation*, de 1956)¹, *A Igreja Missionária no mundo moderno* (*Trinitarian Faith for Today's Mission*, de 1960) e *A Religião do Homem Secular* (*Honest religion for Secular Man*, de 1968)². É importante dizer isso, dado ao fato que *O Segredo Revelado* tem o seu ponto de partida, como o próprio autor sugere no Prefácio à primeira edição, em *Trinitarian Faith for Today's Mission* (p.9). O título tem a ver com a ideia de que o propósito salvífico do Deus Trino e Uno é revelado pelo Evangelho, como Newbigin explica:

O segredo desvendado do propósito de Deus é, por meio de Cristo, conduzir todas as coisas ao seu verdadeiro objetivo na glória do Deus Triúno ele é público no sentido de que é anunciado no evangelho o que é pregado a todas as nações; é um segredo no sentido de que é manifesto apenas aqueles que tem os olhos da fé" (p.187).

Basicamente, *O Segredo Revelado* é a reunião das palestras apresentadas por Newbigin no Selly Oak College, entre 1974-1978, acrescidas de outras proferidas no Princeton Theological Seminary, em 1977. A motivação de Newbigin, tanto nas aulas como na publicação, apontava para uma necessidade urgente na formação de missionários. Essa necessidade exigia também uma reformulação tanto dos aspectos teóricos como práticos da ação missionária e pastoral.

A premissa central de Newbigin é que a doutrina da Trindade deve referenciar toda a ação missionária da igreja, quanto esta última apenas dá

* Doutor em Teologia Sistemático-Pastoral pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).
E-mail: gladsoncunha@gmail.com

¹ NEWBIGIN, L. *Pecado e Salvação*. São Paulo: Imprensa Metodista, 1960, 157p.

² Ambos foram publicados pela Edições Paulinas, em 1969, e faziam parte da coleção Pontos Controversos, que trazia nomes como os de Karl Rahner, Hans Urs Von Balthasar, Joseph Ratzinger, entre outros.

prosseguimento à missão trinitária. Para chegar a esse ponto, no primeiro capítulo, Newbiggin apresenta a problemática que envolvia a missão em seus dias e como, por várias questões, a ideia da missão cristã parecia ter se tornado sem sentido para a igreja no Ocidente. Prevalencia, segundo Newbiggin, uma mentalidade de *Cristandade*, em que Igreja e cultura estavam aliados num mesmo projeto cristianizador. Nesse sentido, as igrejas ocidentais faziam missões para transplantar jovens igreja na Ásia, África e América do sul a fim de que se tornassem igrejas, cristalizando a identidade norte-ocidental (pp-14-15). Newbiggin vê nesse processo a influência do Iluminismo, disseminado pelo secularismo, que dentre outras coisas minara o sentido da pregação cristã, transformando-a em simples ação pelo desenvolvimento sociopolítico, e minimizando a autoridade do Evangelho sobre todas as pessoas, tornando-o sem relevância cultural (p.16ss). No segundo capítulo e seguindo essa lógica, Newbiggin discute a questão da autoridade do anúncio do Evangelho. Para ele, a autoridade da pregação evangélica estava no Evangelho em si. Deus enviou Jesus, que enviou a igreja, *para que todos saibam que Jesus é senhor de todos* (p.25).

Do capítulo três até o seis, Newbiggin retoma a exposição de sua missiologia trinitária. No capítulo três, Newbiggin introduz o tema assumindo que a autoridade do Evangelho e, conseqüentemente, do seu anúncio estão em Jesus Cristo. A questão que se pode levantar é a seguinte: *Quem é Jesus?* Em torno dessa pergunta, Newbiggin argumenta que é impossível apresentar Jesus, o Filho de Deus, sem relacioná-lo a Deus Pai e ao Espírito Santo (p.29-31). A partir dessa noção, o autor relaciona cada pessoa divina com uma das virtudes teológicas – Pai/fé, Filho/amor e Espírito Santo/esperança, apresentando cada uma dessas relações a partir do quarto capítulo.

No sétimo capítulo, Newbiggin reforça o papel do Evangelho como uma proposta para todas as nações. Neste sentido, a universalidade e particularidade do Evangelho apenas faria sentido para Newbiggin por meio da doutrina da eleição. No entanto, para ele, a eleição não deve ser entendida num sentido restritivo, porém mais amplo e universal. A eleição é o meio que Deus escolhe um povo para anunciar aos demais povos a salvação, legitimando, pela eleição divina, a proclamação do Evangelho. E esta salvação acontece, para Newbiggin, na história da própria humanidade, uma vez que a Bíblia é uma narrativa dessa história.

O tema da justiça de Deus volta no oitavo capítulo. Nele, Newbiggin traz uma crítica a Teologia da Libertação e outras semelhantes. Segundo ele, ao negar o dualismo, passa a enfatizar uma dimensão apenas da realidade humana, esse modelo de teologia recai no dualismo negado. Para Newbiggin, a pregação do Evangelho e a ação pela justiça de Deus não podem ser separadas (p.101), significando que um desses pontos pode ser reduzido a um ou outro. A crítica newbigginiana nesse caso é contra uma missão que oferece a justiça de Deus por meios de diversas formas de assistência social, mas que deixa de lado a pregação do Evangelho.

Um ponto importante do pensamento de Newbiggin, não apenas o missionário, mas de uma maneira geral, é a ruptura com todo e qualquer dualismo. Isso exige que o leitor tenha atenção, pois uma leitura em chave dualista atrapalhará o entendimento do texto e da proposta newbigginiana. As relações como alma-corpo e igreja-mundo, por exemplo, não fazem o menor

sentido para ele. A missão não é uma salvação que vem de fora do mundo, mas algo que acontece na história e para todos os aspectos de sua existência.

No penúltimo capítulo, Newbigin se propõe sobre como a Igreja “cresce e se sustenta em sua missão” (p.125). Para tanto, ele faz algumas considerações sobre o pensamento de Donald McGavran, fundador da escola de Crescimento de Igreja, do Fuller Theological Seminary. Embora deixe claro que a fidelidade a Cristo é mais importante do que o crescimento numérico da Igreja e repudie o pragmatismo militar e empresarial que pode surgir a partir das ideias de McGavran (p.130), Newbigin acena favoravelmente a algumas dessas ideias. Contudo, sem deixar de apontar criticamente para algumas incongruências. Por exemplo, Newbigin rejeita a possibilidade de absolutização da cultura em relação ao diálogo com o evangelho. A cultura seria parte integrante da relação, porém, torná-la absoluta fecharia qualquer possibilidade para o evangelho.

O ponto crítico do texto é o capítulo 10, *O Evangelho entre as religiões* (p.161ss). Newbigin retoma aqui a discussão sobre a centralidade do Evangelho e sua pregação, sustentada na autoridade suprema de Jesus Cristo, como o qual, todo cristão deve ter um compromisso incondicional. Sob essas prerrogativas, de acordo com Newbigin, o cristão entra em diálogo com as demais religiões, assumindo uma posição de contraste e, ao mesmo tempo, de igualdade com os integrantes dessas religiões. Como filho do seu tempo, Newbigin se coloca numa área movediça. Por um lado, Newbigin nega o universalismo, como apresentado por Hicks, Rahner e Küng, Porém, por outro, admite que a autoridade de Jesus sobre as demais religiões é um fato, de modo que a possibilidade salvífica das religiões não-cristãs sempre será crística. Diante do exposto, algumas considerações podem ser feitas.

Primeiramente, Newbigin consegue ser um tanto vago em alguns momentos. Não é raro ele presumir certas ideias como conceito indubitavelmente aceito e, por isso, não se aprofunda em descrevê-los. É fácil se perder na leitura. Não fica claro também o seu posicionamento teológico. Para alguns setores, ele será chamado de conservador e em outros de liberal.

De modo mais positivo, o interessante da obra é que não se tratar de um texto pragmático. Newbigin apresenta um paradigma missionário. A definição da igreja como missionária, feita por Newbigin, é o que muitos têm chamado de *missional*. Por igreja missional, deve-se entender uma comunidade de cristãos que se engajam na missão do Deus Triúno, isto é, no anúncio da salvação em Jesus, em diálogo com a sociedade e com a cultura. Mas que também se ocupa da experiência do testemunho da presença do Reino de Deus no mundo. De modo, este livro de Newbigin cumpre papel de apresentar uma proposta de paradigma, olhando para todas as dimensões da ação da igreja. É, por certo, que a atualidade se encontre nessa proposta: uma Igreja que reflete novamente sobre o seu estar no mundo.